

# MEMÓRIAS DE UM PERCURSO ATLÂNTICO: DA LITERATURA BRASILEIRA AS LITERATURAS AFRICANAS

MARIA CRISTINA PACHECO

Doutoranda da Universidade do Porto (Doutoramento em «Estudos Africanos»)  
crispacheco@netcabo.pt

Quando decidi participar na homenagem a Arnaldo Saraiva, fui movida apenas por uma intenção: a de lembrar e homenagear o professor que, há 30 anos atrás, me proporcionou o primeiro contacto com as letras brasileiras.

Não pude, porém, desligar esse propósito de convocar os meus tempos de estudante da circunstância de, terminado o meu curso de licenciatura, ter vindo a dedicar a minha vida profissional à docência e investigação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, precisamente aqui, na Faculdade de Letras do Porto, durante 26 anos. E foi assim, desta confluência entrecruzada de planos e momentos de vida, que acabaram por surgir-me, bem nítidas, as *memórias de um* «percurso atlântico», que foi o meu, *da Literatura Brasileira às Literaturas Africanas*, sendo que lá longe, no início do caminho e contaminando o “trajecto”, estavam as aulas de Arnaldo Saraiva.

Regresso, então, ao 3.º ano do meu Curso de Línguas e Literaturas Modernas, frequentado no saudoso edifício da Rua do Campo Alegre, e àquela que foi a minha disciplina de opção – Literatura Brasileira.

Nessa altura, ainda não se usavam computadores, as tecnologias informáticas pareciam coisa de ficção científica, os alunos eram imensos, havia pré-inscrições nas turmas e tempos intermináveis em filas para escolhermos professores e horários... enfim, a primeira aula foi no dia 8 de Janeiro de 1980.

Embora muitos de nós já estivessem familiarizados, sobretudo, com a música do Brasil, a verdade é que pouco se sabia desse grande país do outro lado do Atlântico e a

escolha da Literatura Brasileira devia-se, em grande medida, ao recentíssimo fenómeno das telenovelas brasileiras – que se iniciara, em 1977, com *Gabriela* e continuara com *Casarão*, *A escrava Isaura* e *O Astro*; visionadas por quase todos os portugueses, em horário nobre e a preto e branco, no único canal existente, as telenovelas, para além do enorme impacto social e político que tiveram, despertaram-nos a atenção para esse outro mundo que falava um Português diferente e, obviamente, atraíram-nos para a sua literatura. Por outro lado (e não menos importante...), era voz-corrente, na Faculdade, que o Professor da cadeira dava umas aulas muito interessantes, razão pela qual os alunos foram tantos que houve que fazer desdobramento de horário!

Ao que me lembro, nenhum de nós se arrependeu da escolha, porque o programa da disciplina, o ambiente vivido em aulas e o professor corresponderam bem às expectativas. Depois de uma breve introdução a elementos identitários da cultura brasileira (geografia física e humana, história, sincretismo religioso, organização política e administrativa, aspectos relacionados com a variante brasileira da Língua Portuguesa), dedicámos uma atenção especial à «Carta do achamento do Brasil», de Pêro Vaz de Caminha, e entrámos na Literatura, onde fomos confrontados com diversas teorias relativas à sua periodização; continuámos, depois, estudando a poesia de Gregório de Matos e de Cláudio Manuel da Costa, lemos e analisámos minuciosamente o conto «Missa do Galo», de Machado de Assis, e desaguámos no modernismo brasileiro e na «Semana de Arte Moderna», onde pontificou a figura de Manuel Bandeira, com o seu livro de poemas *Carnaval*. Finalmente, encontrámo-nos com o nordestino João Cabral de Melo Neto e o seu saborosíssimo «auto de Natal Pernambucano», *Morte e Vida Severina*. Na última aula, já em meados de Junho, ainda nos foi apresentado João Guimarães Rosa, mas, infelizmente, não houve tempo para a leitura da estória «Meu tio o Iauaretê», de que Arnaldo Saraiva nos dera fotocópias. Pelo meio, recordo a bela voz do professor, declamando poemas de Carlos Drummond de Andrade e um ou outro texto de Gonçalves Dias... Este foi o programa, a matéria dada, muita da qual fui revisitando ao longo dos anos.

Mas o que permanece inesquecível tem mais a ver com o professor, com o seu modo de estar connosco, com o relacionamento de proximidade que, ao tempo, não era comum. Na verdade, enquanto a maioria dos docentes nos tratava por Senhores, Arnaldo Saraiva conhecia-nos a todos pelo nome e – coisa espantosa! – logo a partir da 2.<sup>a</sup> aula!! Como isto era possível, ainda hoje estou para saber (eu e os meus colegas, claro) ...mas é verdade! E facilmente se deduzirá o efeito que tal facto tinha em nós: éramos importantes, o professor preocupava-se em saber o nome de cada um, conversava pessoalmente connosco quando nos encontrávamos pelos corredores, era fantástico! Esta mais uma razão para as salas estarem sempre completamente cheias, o que se tornava particularmente notável na aula de 3.<sup>a</sup>feira que, com horário das 19h00 às 21h00, era, para muitos de nós (eu incluída), a 5.<sup>a</sup> aula de duas horas nesse dia! De facto, só a postura viva e interessante de Arnaldo Saraiva – aliada à sua extraordinária capacidade de estimular o nosso envolvimento activo

– conseguiria sobrepor-se, afugentando-o, ao cansaço que já sentíamos àquela hora, depois de ininterruptamente termos tido aulas desde as 9 da manhã!...

.....

No ano lectivo seguinte, enquanto finalista, para completar o leque das Literaturas em Língua Portuguesa, optei pela cadeira de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, o que (sabê-lo-ia depois...) viria a tornar-se decisivo para o meu futuro. E foi então – independentemente do apreço especial que tive por esta disciplina e seu professor, Salvato Trigo –, que percebi a importância acrescida de ter sido aluna de Arnaldo Saraiva e dos conhecimentos que me transmitira.

É que, nesse percurso atlântico do Brasil à África, reencontrei, entendendo-os melhor, os ritmos das falas e dos textos, o sabor do que eram, para mim, os outros lados da minha/nossa Língua Portuguesa, tecidos e engendrados nesse constante vai-e-vem triangular, entre Portugal, Brasil e África! O nordeste brasileiro – que Arnaldo Saraiva nos mostrara em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral – reaparecia em Cabo Verde, pelas vozes de Jorge Barbosa, Osvaldo Alcântara e tantos outros, que evocavam justamente esse paralelismo, ao referirem as secas, a necessidade de emigrar para sobreviver, numa toada expressiva do português cabo-verdiano, tão próxima da dos seus irmãos brasileiros; o mito de Pasárgada, cantado por Manuel Bandeira, surgia, com nova força e intenções diversas, em duas gerações literárias de Cabo Verde; a «Semana de Arte Moderna» e o modernismo brasileiro impulsionaram os desejos de independência literária em Angola e Moçambique que, ainda colónias portuguesas, foram (a)firmando, pela escrita, as suas respectivas identidades; Luandino Vieira, em Angola, na sua tentativa (supremamente conseguida!) de criar uma língua literária angolana que o distanciasse dos escritores portugueses, justificava-a dando como exemplo Guimarães Rosa, que o fizera no Brasil (e, por isso, fui ler, sozinha, o tal conto que Arnaldo Saraiva não teve tempo de explorar...). Inversamente, compreendi, mais alargadamente focalizadas e iluminadas, muitas das características particulares da cultura brasileira, porque nelas se espelhava a profunda herança africana: no léxico, na cadência da fala, na religião, na História!

Nesse ano de 1981 – e depois, pela vida fora e durante a minha docência nesta casa –, fui juntando, a pouco e pouco, as peças do grande puzzle que é o Mundo de Língua Portuguesa, vogando, com delícia, nessas águas intertextuais que se foram estendendo do Atlântico ao Índico, para chegar a Moçambique! Nelas me mantereí, qual descobridor português do século XXI, em permanente fascinação!...

...E nunca irei esquecer que lá longe, no início do caminho, estive Arnaldo Saraiva, meu professor de Literatura Brasileira!

MUITO OBRIGADA!